

UM ALIENÍGENA NA COMARCA DO SERRO FRIO

Adelaide Caramuru Cezar¹

RESUMO: Partindo de um dado real, terremoto na cidade mineira do Serro Frio, em 1872, João Guimarães Rosa cria conto vinculado ao gênero fantástico. Objetiva-se análise do referido conto: “Um moço muito branco” (*Primeiras estórias*, 1962).

PALAVRAS-CHAVES: gênero fantástico; João Guimarães Rosa, conto.

ABSTRACT: From a real fact, an earthquake that occurred in the city of Minas Gerais, called Serro Frio, in 1872, João Guimarães Rosa creates a short story linked to the fantastic gender. The objective of this study is to analyse the mentioned short story: “Um moço muito branco” (*Primeiras estórias*, 1962).

KEYWORDS: fantastic gender; João Guimarães Rosa; short story.

“Um moço muito branco”, décimo-quarto conto presente em *Primeiras estórias* (1962), de João Guimarães Rosa (1908-1967), abre-se da seguinte maneira: “Na noite de 11 de novembro de 1872, na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, deram-se fatos de pavoroso suceder, referidos nas folhas da época e exarados nas Efemérides” (ROSA, 1985, 90). A afirmação é objetiva e clara. Ela vem seguida da descrição do terremoto e da inundação do rio do Peixe que sucedeu ao abalo sísmico. Silviano Santiago, em seu ensaio “Transtornado incerto”, investigou indicações presentes no primeiro período de “Um moço muito branco” e, segundo afirma, “consultadas as *Efemérides mineiras*, compiladas por José Pedro Xavier da Veiga, lá se encontra, no dia 11 de novembro de 1872, informação pormenorizada” (SANTIAGO, 2006, 148). Santiago transcreve, entre aspas, a informação encontrada nas citadas efemérides, sendo agora aqui transcrita tal qual se encontra no ensaio do eminente estudioso mineiro:

“*Terremoto e inundação no rio do Peixe.* – À noite, pelas 11 horas, ouvirão-se no Condato, districto da cidade do Serro, dous grandes e4strondos, quase juntos, e a terra estremeceu: passados 10 a 15 minutos rompeu tão monstruosa enchente como nunca vio-se ali. Houve perda de muitas vidas; além da enchente rolou uma grande montanha, que levou a casa de Antonio Gonçalves e toda a família, composta de 4 pessoas, e de um estrangeiro que ali persoitara naquela noite: a uma légua de distancia, rio abaixo, se ouvirão

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP/Assis. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: accezar@sercomtel.com.br.

os gritos, sem que se lhes pudesse acudir, porque, além das águas terem-se tornado um mar bravo, os montes corrião uns por cima dos outros, além dos grandes troncos e madeiras que erão levados pela corrente e fazião cercas. Em uma vertente do mesmo rio, no lugar denominado ‘Caldeiras’, correrão os morros de um e outro lado, ficando o lugar completamente desconhecido: ahi Seraphim Ribeiro Caldas e sua família forão submergidos, uns enterrados até o pescoço, e outros até os ombros, e assim passarão toda a noite, sem poderem salva uma filhinha, que morreu também enterrada. As terras de cultura, à distancia de uma légua, ficarão completamente inutilizadas, e aquelle terreno foi reduzido a lapas e rochedos. Outras muitas desgraças occorrêrão nesta tempestuosa noite, cuja descripção seria longo e quase impossível aqui darmos. No dia seguinte abrigarão-se na fazenda do finado Severiano Metello mais de 100 pessoas. Da ponte do rio do Peixe a duas léguas, contarão-se 87 desmoronamentos! As águas subirão mais de 60 palmos acima do nível do rio!” (VEIGA *apud* SANTIAGO, 2006, 148-149).

Além desta transcrição, Silviano Santiago, preocupado com a veracidade da data presente no primeiro período do conto “Um moço muito branco”, de João Guimarães Rosa, em nota de fim, recorre a outra fonte e afirma: “No verbete ‘Terremoto’ (8.3), a *Enciclopédia Mirador* narra os mesmos fatos, com a linguagem científica requerida” (SANTIAGO, 2006, 154). O referido verbete é a seguir citado, mantendo-se as aspas que se fazem presentes na nota do estudioso mineiro

“Como o Brasil está assentado em rochas pré-cambrianas estáveis, felizmente não ocorrem terremotos tectônicos de grande intensidade. Ocasionalmente verifica-se a reativação de falhas antigas, porque são regiões de fraqueza da crosta, e nessas raras ocasiões registram-se pequenos abalos. O mais intenso de todos verificou-se em Serro-MG, a cerca de 150 km a nordeste de Belo Horizonte. Segundo a descrição de Alípio Gama (*Revista da Sociedade de Geografia*). Rio de Janeiro, v.1, 1922) verificaram-se mortes, casas destruídas e soterradas e grandes inundações, no ano de 1872, Segundo o mapa geológico do Brasil, essa localidade acha-se em terreno pré-cambriano” (*apud* SANTIAGO, 2006, 154-155).

O conto tem, pois, por suporte um acontecimento verídico, conforme comprovou Silviano Santiago. A partir dele, no entanto, a ficção se instaura. Quem faz o relato dos fatos que sucederam à noite de 11 de novembro de 1872 é um narrador que, em verdade, apresenta-se como contador de histórias que foram por ele ouvidas, porém não presenciadas, conforme se pode deduzir da seguinte afirmação: “Seja da maneira que ainda hoje se conta, mas transtornado incerto, pelo decorrer do tempo, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram” (ROSA, 1985, 91). Partindo de um dado histórico, natural, relatado no primeiro parágrafo do conto, o narrador

atém-se, no decorrer do mesmo, às estórias orais do povo da região a respeito de um moço muito estranho aparecido no “pátio da Fazenda do Casco, de Hilário Cordeiro, com sede quase dentro da rua do Arraial do Oratório” (ROSA, 1985, 90) uma semana depois do cataclismo. Houve, pois, o fato natural, histórico, registrado “nas folhas da época e exarados nas Efemérides” (ROSA, 1985, 90), relatado no primeiro parágrafo; não se sabe se houve, no entanto, a estória do moço muito branco, registrando-se, assim, como lenda construída no decorrer de quase um século², sendo o narrador, desta forma, concomitantemente, o expositor do fato histórico verídico e do fato criado pela comunidade, verossímil.

Diante destes dois fatos, o narrador mantém-se, em princípio, distanciado. Note-se no primeiro parágrafo o emprego de “dito que”, “confirmou-se que” a registrar o distanciamento voluntário a dar prosseguimento no desenvolvimento do conto como um todo, no qual distanciadamente o narrador afirma: “contam que” (ROSA, 1985, 92); “segundo os dizeres do povo” (ROSA, 1985, 93); “o caso da moça Viviana, sempre mal contado” (ROSA, 1985, 94); “disse-se que” (ROSA, 1985, 95); “José Kakende contava somente que” (ROSA, 1985, 95), terminando o relato do conto como um autêntico contador de estórias: “Pois. E mais nada” (ROSA, 1985, 95). Note-se, no entanto, já no primeiro parágrafo, o emprego de adjetivos ou locuções adjetivas a registrarem a valoração dos acontecimentos pelo enfoque coletivo apreendido pelo narrador. Desta forma, pode-se afirmar que as palavras são, em verdade, ambíguas: elas revelam que o narrador quer o distanciamento, pois voluntariamente não quer assumir o registro daquilo que não viu, fazendo uso da forma indefinida, mas apresenta deslizes a registrarem em seu texto a assunção das valorações da comunidade a sempre exagerar a intensidade dos fatos ocorridos:

Na noite de 11 de novembro de 1872, na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, deram-se fatos de pavoroso suceder, referidos nas folhas da época e exarados nas Efemérides. Dito que um fenômeno luminoso se projetou no espaço, seguido de estrondos, e a terra se abalou, num terremoto que sacudiu os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta; caiu outrossim medonho temporal, com assombrosa e jamais vista inundação, subindo águas de rio e córregos a sessenta palmos da plana. Após os cataclismos, confirmou-se que o terreno, em raio de légua, mudara de feições: só os escombros de morros, grotas escancaradas, riachos longe transportados, matos revirados pelas raízes, solevados novos montes e rochedos, fazendas sovertidas sem resto – rolamentos de pedra e lama tapando o estado do chão. Mesmo a distância do astroso arredor, a muita

² O cataclismo foi em 11 de novembro de 1872. A primeira publicação de “Um moço muito branco” foi em 1962.

criatura e criação pareceu, soterradas ou afogadas. Outros vagavam ao deus-dar, nem sabendo mais, no avesso, os caminhos de outrora (ROSA, 1985, 90, grifos meus).

Enquanto o primeiro parágrafo tem por suporte “fatos [...] referidos nas folhas da época e exarados nas Efemérides” (ROSA, 1985, 90), ou seja, enquanto quer primar pela veracidade, embora cometa deslizos, o restante do conto registra-se enquanto verossimilhança, ou seja, enquanto criação, ainda que não individual. É a fala da comunidade que subsidia a fala do narrador que se quer distanciado, cometendo, no entanto, vários descuidos a colocarem-no, como que inconscientemente, como partícipe da leitura coletiva concernente à vinda e permanência do moço muito branco na comarca do Serro Frio.

Walnice Nogueira Galvão em seu ensaio “Rapsodo do sertão: da lexicogênese à mitopoese”, falando da temática em *Primeiras estórias*, afirma que “criaturas diferentes são temas de algumas estórias. Em “Um moço muito branco”, um misterioso ser, vindo não se sabe de onde, talvez do espaço sideral, cria situações que raiam o milagre” (GALVÃO, 2006, 167). Note-se como a estudiosa marca a dúvida em relação ao protagonista do conto. Será ele, verdadeiramente, um alienígena? A dúvida é, obviamente, resultante da estrutura do próprio conto que se quer vinculado ao gênero fantástico, conforme será visto no decorrer do presente trabalho.

É no segundo parágrafo que aparece o protagonista. Aí é registrado como uma vítima do cataclismo: “Donde, no termo de semana, dia de São Félix, confessor, o caso de vir ao pátio da Fazenda do Casco, de Hilário Cordeiro, com sede quase dentro da rua do Arraial do Oratório, um coitado fugitivo desses, decerto persuadido da fome: o moço, pasmo” (ROSA, 1985, 90). Ao datar pelo calendário cristão, “dia de São Félix, confessor”, o narrador vincula-se à comunidade rural mineira cuja religiosidade católica é característica. Poderia, caso o narrador fosse homem de cidade, limitar-se à afirmação de que a chegada do moço deu-se “no término de uma semana”. São Félix de Valois, confessor, juntamente com São João da Mata, foi fundador da Ordem da Santíssima Trindade para a Libertação dos Cativos. O moço, que tinha chegado à região justamente neste dia, teria vindo para a libertação da comunidade? Para que tipo de libertação? Quais os membros desta comunidade que tiveram contato com o moço muito branco que foram libertados?

Hilário Cordeiro é o primeiro membro citado: “homem cordial para os pobres, temente e bom, e mais ainda nesse pós-tempo de calamidade” (ROSA, 1985, 91). Seu oponente será

Duarte Dias, “homem de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre prepotências” (ROSA, 1985, 92). As autoridades religiosas são: Padre Bayão, que procurará distinguir se o moço é um ser do bem ou do mal, colocando diante dele “o signo-da-cruz” (ROSA, 1985, 92); cônego Lessa Cadaval, da Sé de Mariana, é apenas nominado como receptor da missiva de Padre Bessa que presta contas a seu superior dos estranhos fatos que vêm ocorrendo em Serro Frio. A autoridade política, por sua vez: “Quincas Medanha, do Serro, notável na política e provedor da Irmandade” (ROSA, 1985, 93) é apenas citado como limitador dos exageros de Duarte Dias. Assim como Hilário Cordeiro, a moça Viviana, filha de Duarte Dias, o próprio Duarte Dias e o cego Nicolau, pedinte, recebem dádivas do moço muito branco. O grande companheiro do protagonista será, no entanto, José Kakende, “escravo meio alforriado de um músico sem juízo, e ele próprio de idéia conturbada” (ROSA, 1985, 91).

Pois bem, o moço muito branco é tido, inicialmente, como “um coitado fugitivo desses, decerto persuadido da fome: o moço, pasmo” (ROSA, 1985, 90). A colocação é objetiva. “Pasma” aplica-se à visão que o moço tem do lugar aonde chega. Parece deparar-se com o não conhecido, uma vez que oriundo, deduz-se, de espaço totalmente outro. Trata-se do outro que chega e que olha, pela primeira vez, o espaço da fazenda e os nativos. Sua única manifestação ante o até então desconhecido é o “pasmo” presente em seu olhar e capaz de registrar um estado de espírito. O narrador faz este registro, obviamente, a partir do relato de algum membro da comunidade que deve ter visto seu primeiro olhar diante da Fazenda de Hilário Cordeiro. A descrição da situação carente e insegura do protagonista no momento em que foi pela primeira vez visto dá continuidade à pretendida objetividade do narrador:

O que foi quando subitamente, e era moço de distintas formas, mas em lástima de condições, sem o restante de trapos com que se compor, pelo que enrolado em pano, espécie de manta de cobrir cavalos, achada não se supõe onde; e, assim em acanho, foi ele avistado, de muito manhã, aparecendo e se escondendo por detrás do cercado de vacas (ROSA, 1985, 90).

Objetivamente, o que se sabe ainda dele, pela fala do narrador, é que se trata de alguém a quem falta a memória, a fala, a audição e ainda a compreensão, conforme se lê nas seguintes passagens: “perdida a completa memória de si, sua pessoa, além do uso da fala” (ROSA, 1985, 91); “Nada ouvindo, não respondia, nem que não, nem que sim [...] Nem fizesse por entender, isto é, entendia, às vezes ao contrário, os gestos” (ROSA, 1985, 91)? O narrador, no entanto, depois de registrar tantas divergências dos humanos, afirma: “Tonto, não

era. Só aquela intenção sonhosa, o certo cansaço do ar. Surpreendente, contudo, o que assaz observava, resguardado, até espreitasse por miúdo os vezos de coisas e pessoas” (ROSA, 1985, 91).

Gradativamente, vai sendo registrada, pela fala do narrador, a visão da comunidade com relação ao moço muito branco como o outro, o desconhecido, o estrangeiro, o vindo de outro espaço, não sendo necessariamente um oponente. Trata-se do diferente que, ao ser olhado pelos habitantes de Serro Frio, acaba por obrigá-los a olhar para si mesmos. Em que o moço muito branco se diferencia da comunidade de Serro Frio?

O primeiro traço diferenciador diz respeito à cor, à luminosidade: “Tão branco; mas tão branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade” (ROSA, 1985, 90-91). Esta luminosidade faz-se presente em outros momentos do conto, bastando lembrar que sua chegada foi, provavelmente, segundo dizeres de José Kakende, assumida pela comunidade, precedida por um “fenômeno luminoso” (ROSA, 1985, 90), seguido de terremoto e inundação. Seu gosto pelo fogo aparece duas vezes no conto. Pela primeira vez, este gosto revela-se nas festas de São João: “Que vezes, porém, mais lhe prouvesse o divertimento de acender fogos, sendo de reparo o quanto se influiu, pelo São João, nas tantas e tamanhas fogueiras de festa” (ROSA, 1985, 93-94). Pela segunda vez, este gosto pelo fogo revela-se quando decide partir, pois, como num procedimento ritualístico, acende, segundo contou José Kakende, “de secreto, com formato, nove fogueiras” (ROSA, 1985, 95). Estabelecida, provavelmente, a comunicação com os seus, no caso, os extraterrestres, por meio da luz das nove fogueiras, “com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas” (ROSA, 1985, 95). Depois de ter partido, na mente dos moradores de Serro Frio, “ele cintilava ausente” (ROSA, 1985, 95), ou seja, o moço muito branco tinha trazido para aqueles que com ele conviveram a luminosidade que lhe era característica para dentro de suas mentes.

O diferente, o estrangeiro, o pertencente a outra galáxia, no seu contato com os mesmos, a gente da terra mineira, trouxe-lhes o que lhe era peculiar: a competência para o brilho, para a cintilação. Deu-se, pois, no conto, a alteridade, ou seja, a mudança ocorrida pelo contato com o outro de maneira a alterar os valores do mesmo. Olgária Matos, professora de Filosofia da Universidade de São Paulo, em seu ensaio intitulado “Os Muitos e o Um: Logos mestiço e hospitalidade” afirma que “reconhecer o Outro dentro de nós é acolher um logos

híbrido e plural que se traduz em cosmopolitismo e hospitalidade” (MATOS, 2008, 15). Plagiando o referido título de trabalho de Olgária Matos e a leitura que ela faz do mesmo, poderíamos dizer que, em “O moço muito branco”, temos lado a lado “Os muitos e o Um”. Os “Muitos” são as pessoas mineiras que bem acolhem o alienígena, permitindo, desta forma a ocorrência do contato. A hospitalidade os caracteriza, tratando-se de “hospitalidade aberta a quem não é esperado nem convidado, a todo aquele que chega como visitante – visitante absolutamente estrangeiro, alguém que chega e que não é nem identificável nem previsível” (SPINOZA *apud* MATOS, 2008, p. 15.). O “Um”, conforme já deve ter ficado claro, é o moço repleto de luz a transmitir paz àqueles que dele se aproximam. Para haver a troca faz-se necessária a presença concomitante de ambos, daqueles que bem recebem e daquele que vem de longe, com especificidades divergentes. Haroldo de Campos, citado por Olgária Matos, bem registra a necessária conversão de Babel em Pentecostes para a efetivação de trocas. Ainda que faça menção às possíveis trocas planetárias, podemos, levando em consideração a especificidade do conto rosiano a colocar como protagonista um extraterrestre, expandir as afirmações do estudioso para possíveis trocas interplanetárias:

Sob o signo bíblico da “Torre de Babel”, o homem dispersou-se, dividiu-se em línguas e nações. A balbúrdia dos particularismos, ensina-nos a história, poucas vezes tem encontrado condições harmoniosas de coexistência não excludentes. Sob o signo da reconversão de Babel em Pentecostes – de que a literatura e a cultura podem muito bem ser portadoras – a humanidade do novo milênio conseguirá, quem sabe, reencontrar-se num espaço convivial planetário e transcultural, expandindo no sentido pleno o conceito fecundo de *Weltliteratur*, tão caro a Goethe como ao goetheano Marx (CAMPOS *apud* MATOS, 2008, p. 12).

Note-se que há, no decorrer do conto, movimento progressivo, começando pela visão do visitante pela comunidade como um ser carente de comida, de roupa, de memória, de fala, de audição, de compreensão, evoluindo para a visão do mesmo pela comunidade como um ser superior, pertencente a outra esfera. Mesmo quando ainda era visto como um pobre coitado, o moço muito branco já era bem acolhido pelos mineiros de Serro Frio. A confiança mútua acaba por unir os denominados por Olgária Matos “Muitos”, os mesmos, e o também denominado pela citada professora de Filosofia “Um”, o estrangeiro. Com o passar do tempo, vem a percepção de que se está diante do outro, do estrangeiro, daquele que vem de longe e que traz consigo novas possíveis perspectivas sobre o estar no mundo. O moço, que no início do conto era visto como “pasma” (ROSA, 1985, 90), desorientado, ao final, no penúltimo

parágrafo, em estrutura paralela à do segundo parágrafo, “o moço: pasmo” (ROSA, 1985, 90), faz-se presente como “o moço: plácido” (ROSA, 1985, 95), ou seja, que revela paz, serenidade. Quando já partiu, continua presente na lembrança de cada um com aquele brilho e cintilação que sempre o caracterizou. Pode-se, pois, afirmar que a alteridade efetivou-se:

Todos singularmente se deploraram, para nunca, mal em pensando. Duvidaram dos ares e montes; da solidez da terra. Duarte Dias, de dó, veio a falecer; mas a filha, a moça Viviana, conservou sua alegria. José Kakende conversou muito com o cego. Hilário Cordeiro, e outros, diziam experimentar uma saudade e meia-morte, só de imaginarem nele. Ele cintilava ausente, aconteceu. Pois. E mais nada. (ROSA, 1985, 95).

Adélia Bezerra de Meneses em seu livro lançado em 2010, *Cores de Rosa*, retoma análises da obra de João Guimarães Rosa já por ela empreendidas no decorrer de anos, dando agora especial atenção às cores que aí se configuram. O suporte para sua leitura reside em *Doutrina das Cores*, de Goethe, onde o autor afirma: “Quando o artista se deixa levar pelo sentimento, algo colorido imediatamente se anuncia” (GOETHE, apud MENESES, 14). Ainda que a referida estudiosa não tenha analisado “Um moço muito branco”, esta nova perspectiva proveniente da obra de Goethe seria passível no enfoque deste conto, conforme se pretende agora demonstrar, tomando o caminho aberto pela autora na recém citada obra.

A comunidade de Serro Frio, deduzindo que o moço já tenha recebido um nome, não o renomeia, permanecendo, desta forma, para eles, como um ser de nome desconhecido. É o narrador quem o diferencia nominalmente por sua especificidade, “um moço muito branco”, título atribuído ao conto. Sua brancura não faz dele ser de outra raça, ainda que desconhecida. Trata-se de ser de outra instância, de outro planeta, conforme se lê na fala do narrador: “Sobremodo se assemelhava a esses estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu; fazia para si outra raça” (ROSA, 1985, 91). A outra referida raça, ao que tudo indica, situa-se não na Terra, mas no Universo, pois o moço é “claro como o olho do sol” (ROSA, 1985, 94) e suas especificidades, tais como “contam que seus olhos eram cor-de-rosa” (ROSA, 1985, 92), “figurando ter por dentro a pele uma segunda claridade” (ROSA, 1985, 90), situam-no além do mundo conhecido, seja pela comunidade mineira, seja pelo narrador, seja pelo próprio leitor. O moço que traz em si o branco da paz no corpo, a cor-de-rosa dos afetos nos olhos, presenteia o cego Nicolau com a semente de uma flor azul, símbolo do próprio céu para o qual está sempre a olhar: “De estranha memória, só, a de olhar ele sempre para cima, o mesmo para o dia que para a noite – espiador de estrelas” (ROSA, 1985, 93).

O terremoto ocorreu na noite de 11 de novembro de 1872, sendo seguido de inundação. O moço muito branco chegou à fazenda de Hilário Cordeiro no dia 20 de novembro de 1872, dia de São Félix de Valois, confessor. É acolhido por Hilário Cordeiro, rico fazendeiro, uma vez que proprietário da “Fazenda do Casco [...], com sede quase dentro da rua do Arraial do Oratório” (ROSA, 1985, 90). Afetivamente quem mais se aproxima do recém-chegado moço é José Kakende, tornando-se seu constante companheiro nas muitas andanças pela região. Na construção da narrativa é ele a testemunha dos acontecimentos insólitos que marcaram a chegada e a partida do moço de outra galáxia, ou o advento do Apocalipse, segunda leitura possível, prenunciada por Kakende a falar de nuvem, fogo, Arcanjos... Sua fala concernente à chegada do moço é colocada em discurso direto e em itálico na carta redigida por padre Bayão ao cônego Lessa Cadaval, da Sé de Mariana, para prestar contas dos recentes insólitos acontecimentos de Serro Frio. Em se tratando de discurso direto, vem, no conto, entre aspas e em itálico, conforme registrado a seguir:

“O rojo de vento e grandeza de nuvem, em resplendor, e nela, entre fogo, se movendo uma artimanha amarelo-escuro, avoante trem, chato e redondo, com redoma de vidro sobreposta, azulosa, e que, pousando, de dentro desceram os Arcanjos, mediante rodas, labaredas e rumores” (ROSA, 1985, 92).

É ele, ainda, José Kakende, a testemunha da partida do moço, sendo sua fala registrada em discurso indireto ao final do conto:

José Kakende contava somente que o ajudara a acender, de secreto, com formato, nove fogueiras; e, mais, o Kakende soubesse apenas repetir aquelas suas velhas e divagadas visões – de nuvem, chamas, ruídos, redondos, rodas, geringonças e entes. Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas. (ROSA, 1985, 95).

Em se tratando de registro de espaçonave que chega à Terra, de alienígena que dela desce, nem o padre nem o narrador assumem tais acontecimentos como dados factuais. Transferem o registro do possível acontecimento a um “escravo meio alforriado de um músico sem juízo, e ele próprio de ideia conturbada” (ROSA, 1985, 91). Seguro daquilo que presenciou e desprovido dos preconceitos do padre e do narrador, preto José Kakende, homem simples, não se cala, passando, no enfoque do narrador, do estágio de homem de “ideia conturbada” (ROSA, 1985, 91) a “delirado varrido” (ROSA, 1985, 91). Segundo suas palavras, José Kakende “girava agora por aqui e ali, a pronunciar advertências e desorbitadas

sandices – querendo pôr em pé de verdade portentosa aparição que teria enxergado, nas margens do Rio do Peixe, na véspera das catástrofes” (ROSA, 1985, 91).

No registro em discurso direto da fala de José Kakende situado no discurso indireto de Padre Bayão, bem como no registro em discurso indireto da fala de Kakende, no penúltimo parágrafo do conto, torna-se evidente a possível presença de realidades extraterrestres em Serro Frio, bem como a leitura de tal acontecimento pela cultura popular a ver em tudo que foge à norma manifestação divina. Nem a possível presença de extraterrestres nem a provável leitura da presença de Cristo no sertão são assumidas pelos homens cultos do local, no caso, pelo padre e pelo narrador-contador de estórias do conto. A duplicidade de visão – o abstencionismo dos homens cultos; as crenças religiosas do povo expressas por José Kakende – gera no leitor pouca segurança, não sabendo como situar o conto – OVNI, extraterrestre; Apocalipse, chegada de Cristo à Terra; ocorrência natural, transfiguração de doente em santo? Não sabendo em que acreditar, o leitor sente-se inseguro. Esta insegurança foi construída pela própria estrutura do conto rosiano, vinculando-o, desta forma, ao gênero fantástico. Trata-se do que Todorov denomina de realização do fantástico puro, conforme afirma em *Introdução à literatura fantástica*: “‘Cheguei quase a acreditar’: eis a fórmula que resume o espírito do fantástico. A fé absoluta como a incredulidade total nos levam para fora do fantástico; é a hesitação que lhe dá vida” (TODOROV, 1975, 36). Claro fica que ela, a hesitação do leitor, se configura como realidade construída em “Um moço muito branco”, fazendo do conto realização do denominado “fantástico puro”.

Os fatos relatados no conto são vistos da perspectiva dos mineiros de Serro Frio. Assim sendo, é possível registrar, do contato do moço muito branco com os moradores da região, os dons que o primeiro concedeu aos segundos. Talvez também o moço tenha recebido dons dos mineiros, porém, como não se comunicava com os terrestres, como ninguém narrou os fatos a partir de sua perspectiva, deles não se tem conhecimento. Passemos, pois aos dons recebidos pela gente com quem o moço conviveu.

Hilário Cordeiro, que sempre foi um homem bom, pacífico e acolhedor, desde que bem recebeu o rapaz de fora, teve sua vida tranquilizada: “tudo lhe passou a dar sorte, quer na saúde e paz, em sua casa, seja no assaz prosperar dos negócios, cabedais e haveres.” (ROSA, 1985, 93). A moça Viviana, filha de Duarte Dias, sempre triste, desde que o moço “lhe pôs a palma da mão no seio, delicadamente” (ROSA, 1985, 94), deixou de lado a tristeza e “a partir

dessa hora, despertou em si um enfim de alegria, para todo o restante de sua vida, donde um dom” (ROSA, 1985, 94). Duarte Dias, por sua vez, de “homem de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre prepotências” (ROSA, 1985, 92) passou a “homem sucinto, virtuoso e bondoso” (ROSA, 1985, 95) depois da evidente cura da depressão de sua filha Viviana e de quase um ano de contato com o moço de fora, tendo achado, por indicação do moço, em suas terras “uma grupiara de diamantes; ou um painelão de dinheiro” (ROSA, 1985, 95). O que dizer do cego Nicolau que dele recebeu, na porta da igreja, uma estranha semente que “guardou, com irados ciúmes e por diversos meses” (ROSA, 1985, 93), depois de se dar conta de que não se tratava de moeda nem sequer de alimento? Por que este tão estúrdio presente? Seria ele uma dádiva, um dom?

Em verdade, para o cego Nicolau a semente não teve nenhuma serventia. Depois que o moço partiu, “no dia da veneranda Santa Brígida” (ROSA, 1985, 95), foi preto Kakende que com ele muito conversou, levando-o, provavelmente, ao plantio da semente que resultou num

azulado pé de flor, da mais rara e inesperada: com entreaspecto de serem várias flores numa única, entremeadas de maneira impossível, num primor confuso, e, as cores, ninguém a respeito delas concordou, por desconhecidas no século; definhada, com pouco, e secada, sem produzir outras sementes nem mudas, e nem os insetos a sabiam procurar. (ROSA, 1985, 93).

Heloísa Vilhena Araújo em seu estudo sobre “Um moço muito branco” traz à baila a “Flor de um azul etéreo” presente em *Heinrich von Ofterdingen*, de Novalis. Segundo a autora, o protagonista da obra alemã fica sabendo por um estrangeiro da existência de uma Flor Azul:

Não, dizia-se ele, não é a idéia dos tesouros que acordou em mim este inexprimível desejo; longe de mim qualquer cupidez! É a Flor Azul que eu morro de desejo de descobrir. Ela me assombra e não posso mais pensar em coisa alguma. Nunca me aconteceu algo parecido: é como se eu tivesse sonhado até hoje, ou atravessado, dormindo, um outro mundo, pois, neste mundo, quem se preocupa com flores? Ouviu-se jamais falar de uma paixão tão singular por uma flor? [...] Um encantamento delicioso arrebatou-me e é justamente no momento em que não posso fazer uma idéia exata da Flor que se produz no mais profundo de mim um tumulto indizível, alguma coisa que ninguém jamais poderá compreender (NOVALIS *apud* ARAÚJO, 1998, 146).

Conforme foi dito anteriormente, o moço muito branco chegou à comunidade do Serro Frio no “dia de São Félix, confessor”. Partiu “no dia da veneranda Santa Brígida”. Deixou à comunidade, indiretamente, nas mãos do cego Nicolau, a semente de “um azulado pé de flor”,

permitindo, desta forma, àquele que fisicamente sobrevivia pelos donativos da comunidade, retribuir-lhe as oferendas pela visão, ainda que efêmera, da Flor Azul que, na obra de Novalis, representa o “salto possível para a transcendência, para o encontro como Absoluto” (SCHELL, 2010, 28). Lamentavelmente, a flor foi “definhada, com pouco, e secada, sem produzir outras sementes nem mudas, e nem os insetos a sabiam procurar” (ROSA, 1985, 93). Sua curta duração deixou, no entanto, a certeza da existência de outra realidade além da corriqueira mesmice até então conhecida, impregnando a alma dos habitantes de Serro Frio da cintilação daquele que um dia lá esteve: um extraterrestre? Cristo encarnado? Não importa, seja ele quem tenha sido, a visão de mundo dos que com ele conviveram modificou-se e isto só foi possível porque houve a hospitalidade, a recepção respeitosa do “Um” a fazer com que os “Muitos” aceitassem “a experiência da identidade instável e cambiante” (MATOS, 2008, p. 15). Certamente também o “Um” recebeu dádivas dos “Muitos”. Delas nada sabemos devido ao fato de ninguém ter contado a estória a partir de sua perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Heloísa Vilhena. *O espelho: contribuições ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Rapsodo do sertão: da lexicogênese à mitopoese. In: *Cadernos de Literatura Brasileira – Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, n. 20 e 21, dezembro de 2006, p. 144-186.
- MATOS, Olgária Chain Féres. Os muitos e o Um: logos mestiço e hospitalidade. In: *Ide: psicanálise e cultura*, São Paulo, 2008, 31(47), p. 8-15.
- MENESES, Adélia Bezerra de. *Cores de Rosa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SANTIAGO, Silviano. Transtornado incerto. In: _____. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 147-155.
- SCHELL, Márcio. *Poética do romantismo: Novalis e o fragmento literário*. São Paulo: UNESP, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.